

ABORDAGENS TERAPÊUTICAS EM PSIQUIATRIA INFANTIL: EFETIVIDADE DAS INTERVENÇÕES COMPORTAMENTAIS, OCUPACIONAIS E FARMACOLÓGICAS PARA TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

Larissa Mendonça Wanzeler¹
Gabriel Siebert de Oliveira²
Laura Vilela Buiatte Silva³
Ana Clara Amâncio da Silva⁴
Heloisa Olivoti⁵
Rayssa Santos de Freitas⁶
Nicole Carvalho Braga⁷
Yasmin Paz de Marchi⁸
Diuliane Ferreira Couto⁹

RESUMO: **Introdução:** A psiquiatria infantil enfrenta desafios complexos no diagnóstico e tratamento de transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O TEA afeta a comunicação, interação social e comportamento, enquanto o TDAH se caracteriza por desatenção, hiperatividade e impulsividade. Ambas as condições exigem abordagens terapêuticas específicas para melhorar o prognóstico e a qualidade de vida dos indivíduos afetados. Este artigo revisa a eficácia das principais intervenções não farmacológicas e farmacológicas no tratamento dessas condições, destacando os métodos mais recentes e suas implicações clínicas. **Objetivo:** Os objetivos são avaliar a eficácia da ABA e da Integração Sensorial para TEA, analisar tratamentos farmacológicos e alternativos para TDAH, e explorar a importância da detecção precoce e abordagens multimodais. **Metodologia:** Esta revisão narrativa foi conduzida com base em uma análise abrangente da literatura científica sobre intervenções para TEA e TDAH. O levantamento de dados envolveu a seleção de estudos relevantes de bases de dados acadêmicas, incluindo artigos e meta-análises recentes. A revisão focou nas terapias ocupacionais, como a Integração Sensorial (IS), e nas abordagens comportamentais, com ênfase na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), além de tratamentos farmacológicos para o TDAH. Os critérios de inclusão abrangeram estudos que analisaram a eficácia e os impactos dessas intervenções, com atenção especial para a detecção precoce e a personalização dos tratamentos. **Resultados:** A análise revelou

¹Universidade Cidade de São Paulo- UNICID.

²Médico pela Universidade de São Paulo (Unicid).

³Acadêmica de Medicina pela universidade de Rio Verde (UniRV).

⁴Acadêmica de Medicina pela Universidade Nove de Junho (Uninove).

⁵Acadêmica de Medicina pela Universidade nove de Julho (Uninove).

⁶Acadêmica de Medicina pela Universidade Nove de Junho (Uninove).

⁷Acadêmica de medicina pela Universidade de São Paulo (Unicid).

⁸Acadêmica de medicina pela Universidade de São Paulo (Unicid).

⁹Acadêmica de medicina pela Universidade de São Paulo (Unicid).

que as intervenções baseadas em ABA demonstraram efeitos positivos significativos em habilidades comportamentais e adaptativas de crianças com TEA, embora a melhoria nas habilidades de linguagem e na gravidade dos sintomas não tenha sido tão marcante. A Integração Sensorial mostrou benefícios consideráveis no desenvolvimento motor e cognitivo, promovendo maior independência nas atividades diárias. Para o TDAH, o tratamento farmacológico, especialmente com metilfenidato e atomoxetina, mostrou eficácia em melhorar a atenção e reduzir impulsividade, mas com efeitos diferenciados nas funções executivas, dependendo do medicamento utilizado. Além disso, novas abordagens, como o uso de jogos digitais para treinamento de atenção, mostraram-se promissoras na complementação dos tratamentos tradicionais. As abordagens terapêuticas para TEA e TDAH apresentam uma gama de opções que variam em eficácia e aplicabilidade. As terapias comportamentais e ocupacionais são essenciais para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas, com a ABA e a Integração Sensorial oferecendo benefícios específicos para cada transtorno. As intervenções farmacológicas continuam a desempenhar um papel crucial no manejo do TDAH, mas a personalização do tratamento, considerando a idade e as características individuais dos pacientes, é fundamental para otimizar os resultados. A integração de métodos alternativos, como os jogos digitais, pode oferecer alternativas eficazes e menos invasivas. A detecção precoce e a aplicação de abordagens multimodais são estratégias chave para melhorar o prognóstico e a qualidade de vida dos pacientes. **Conclusão:** Este estudo sublinha a importância de uma abordagem personalizada e multidisciplinar na psiquiatria infantil para abordar as complexidades dos transtornos do neurodesenvolvimento.

Palavras-chave: TDAH. Autismo. Psiquiatria infantil.

INTRODUÇÃO

A psiquiatria infantil é uma área da medicina voltada para o diagnóstico, tratamento e prevenção de transtornos mentais em crianças e adolescentes. Entre os transtornos mais comuns, destacam-se o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que afetam significativamente o desenvolvimento e o comportamento.

Os transtornos do espectro autista (TEA) são condições do neurodesenvolvimento que impactam a interação social e apresentam padrões repetitivos de comportamento. Aproximadamente 30% das pessoas com TEA possuem algum grau de deficiência intelectual, enquanto dois terços têm inteligência dentro da média. Embora a capacidade cognitiva elevada favoreça uma melhor adaptação funcional, muitos adultos com TEA ainda enfrentam dificuldades em atingir plena independência, mantendo dependência de cuidadores. Mesmo com habilidades intelectuais preservadas, a autonomia limitada é uma característica comum entre pessoas adultas com TEA, devido às dificuldades persistentes em áreas sociais e comportamentais (HERVAS; ROMARÍS, 2019)

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é altamente prevalente entre crianças e adolescentes, impactando negativamente o desempenho escolar e a aprendizagem. Os sintomas principais incluem dificuldade de atenção, disfunção executiva e comorbidades como problemas de aprendizagem e ansiedade, que complicam tarefas escolares e a organização. Apesar do esforço extra e do uso de recursos de apoio, esses jovens frequentemente enfrentam fracasso escolar e dificuldades em alcançar metas curriculares. O diagnóstico precoce e um tratamento individualizado, que combine intervenções psicoeducacionais e farmacológicas, têm mostrado melhorar o prognóstico acadêmico. A colaboração entre profissionais de saúde e educação é essencial para apoiar esses alunos (CALLEJA-PÉREZ et al., 2019).

METODOLOGIA

A metodologia para esta revisão narrativa consiste na análise qualitativa da literatura existente sobre intervenções para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Foram incluídos estudos empíricos e revisões sistemáticas publicados em periódicos revisados por pares nos últimos 15 anos, focando em intervenções não farmacológicas para o TEA, como terapia ocupacional e Análise do Comportamento Aplicada (ABA), e abordagens terapêuticas para o TDAH, incluindo tratamentos farmacológicos e alternativas como jogos digitais. A seleção dos estudos será realizada através de busca em bases de dados acadêmicas, utilizando palavras-chave específicas para cada transtorno. Os dados foram extraídos, classificados e analisados qualitativamente para identificar tendências, eficácia das intervenções e lacunas na pesquisa. A revisão foi organizada em seções temáticas para refletir as principais abordagens e seus impactos, culminando em uma discussão crítica das evidências e implicações práticas para a prática clínica e futura pesquisa.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta funções cerebrais superiores, como a linguagem, a inteligência e a interação social. Embora não haja cura, existem diversas intervenções não farmacológicas que podem melhorar o prognóstico de quem tem autismo. Entre elas, a terapia ocupacional, com foco na integração sensorial, e a terapia comportamental, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), são amplamente utilizadas para ajudar no desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e motoras. Essas intervenções buscam aumentar a independência e melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e suas famílias (MULAS et al., 2010)

Apesar de a causa exata do autismo ainda não ser conhecida, acredita-se que seja uma condição com múltiplas origens, envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais. Globalmente, estima-se que existam cerca de 70 casos de TEA para cada 10.000 pessoas, sendo mais comum em meninos. No Brasil, uma pesquisa recente indicou que há 27,2 casos de autismo por 10.000 habitantes, embora os estudos epidemiológicos nacionais sejam limitados. O aumento no número de diagnósticos pode ser atribuído a várias razões, como a revisão dos critérios de diagnóstico, maior conscientização pública e familiar sobre o transtorno, e o estabelecimento de serviços especializados (PINTO et al. 2016)

A detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças abaixo dos 5 anos é essencial para implementar intervenções eficazes e ajustadas às necessidades específicas de cada indivíduo. A identificação do TEA pode ser desafiadora devido à diversidade de sintomas e à variação na idade de aparecimento desses sinais. Para aprimorar a detecção, a Academia Americana de Pediatria (AAP) recomenda a triagem universal para o TEA, combinada com avaliações do desenvolvimento infantil. Uma ferramenta importante nesse processo é o Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT), que é um questionário desenvolvido para identificar precocemente sinais de autismo em crianças pequenas. A versão atualizada, M-CHAT-R/F (Revisada com Seguimento), é recomendada para crianças de 16 a 30 meses e inclui etapas adicionais para melhorar a precisão da triagem e diminuir a chance de diagnósticos incorretos (COELHO-MEDEIROS, M. E. et al 2024)

A Análise Comportamental Aplicada (ABA) é uma abordagem terapêutica amplamente utilizada para tratar o Transtorno do Espectro Autista (TEA), focando na modificação de comportamentos e no desenvolvimento de habilidades funcionais. A ABA se baseia em princípios da psicologia comportamental e utiliza técnicas de reforço positivo para promover comportamentos desejados e reduzir comportamentos indesejados. Recentemente, uma meta-análise avaliou o impacto das intervenções baseadas em ABA em crianças com TEA, analisando 11 estudos com um total de 632 participantes. Os resultados mostraram que as intervenções abrangentes de ABA têm efeitos significativos no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo das crianças. No entanto, a meta-análise revelou que as habilidades de linguagem e a gravidade dos sintomas não mostraram melhorias substanciais além das observadas nos grupos de controle. Além disso, o estresse parental não apresentou mudanças significativas em comparação com grupos que

não receberam intervenção ou receberam tratamento mínimo. A análise também indicou que as habilidades de linguagem ao início do tratamento podem influenciar a magnitude dos efeitos da ABA e que a eficácia do tratamento pode diminuir à medida que a idade das crianças aumenta. Essas descobertas têm implicações práticas para a aplicação da ABA, sugerindo a necessidade de ajustar a intensidade do tratamento e personalizar as abordagens conforme o desenvolvimento individual e a idade da criança (ECKES., 2023)

A integração sensorial (IS) é uma abordagem terapêutica frequentemente utilizada na terapia ocupacional para apoiar crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros transtornos do desenvolvimento. Esta técnica fundamenta-se na neuroplasticidade, que é a capacidade do sistema nervoso de modificar suas conexões e se adaptar a novos estímulos e demandas ambientais. A neuroplasticidade é especialmente importante no desenvolvimento infantil, ocorrendo principalmente em períodos críticos do crescimento cerebral.

Na IS, a neuroplasticidade reativa desempenha um papel crucial, referindo-se às mudanças cerebrais que surgem em resposta a estímulos com significado biológico. Pesquisas indicam que três fatores são essenciais para promover essas mudanças: a riqueza do ambiente, a participação ativa da criança e sua motivação interna. Esses fatores são incorporados em ferramentas de avaliação como a Medida de Fidelidade, que assegura a aplicação adequada da IS.

A teoria da integração sensorial, proposta por Ayres, sugere que diferentes tipos de informações sensoriais (como visão e audição) estão interconectados no cérebro. Isso implica que estimular um sentido pode influenciar o processamento de outros. Além disso, a IS se mostra mais eficaz em tarefas complexas que exigem maior envolvimento sensorial, reforçando a ideia de "propor o desafio adequado". A retroalimentação sensorial, essencial para a execução de tarefas motoras, é um conceito central na IS, ajudando crianças com dispraxia a desenvolver respostas adaptativas eficientes. Dessa forma, a IS contribui significativamente para melhorar o desenvolvimento motor, cognitivo e social, promovendo maior independência e qualidade de vida para crianças com autismo e outros transtornos do desenvolvimento (ABELENDÁ; RODRÍGUEZ ARMENDARIZ, 2020).

O transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é um distúrbio frequentemente observado durante a infância, com raízes profundas na neurobiologia. Essa

condição é marcada por dois principais conjuntos de sintomas: a falta de atenção e a hiperatividade-impulsividade. Crianças com TDAH frequentemente apresentam dificuldades em manter a concentração, organizar tarefas e seguir instruções, o que pode afetar negativamente seu desempenho acadêmico e social. Além da desatenção, esses indivíduos também demonstram comportamentos impulsivos e hiperativos, como dificuldade em permanecer sentado, interrupções frequentes e uma necessidade constante de movimentar-se. Esses sintomas não são apenas um reflexo de comportamento desobediente, mas sim manifestam-se devido a diferenças neurobiológicas que afetam a regulação da atenção e o controle motor. Embora o TDAH seja mais comum durante a infância, seus efeitos podem perdurar na vida adulta, com impactos em diversas áreas da vida, como a performance profissional e as relações interpessoais. O diagnóstico precoce e o manejo adequado são cruciais para ajudar a criança a desenvolver estratégias para lidar com os desafios associados ao TDAH, melhorando assim a qualidade de vida e promovendo um desenvolvimento mais equilibrado (COELHO, L. et al 2010)

O tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) envolve uma abordagem multifacetada, que inclui tanto intervenções farmacológicas quanto terapias comportamentais. No entanto, o tratamento medicamentoso é frequentemente a opção de escolha, especialmente em casos mais graves. Estudos indicam que os medicamentos estimulantes, como o metilfenidato (MTF), são amplamente utilizados, com a versão de liberação imediata (LI) sendo preferida em crianças mais jovens e a versão de liberação sustentada (LS) em adolescentes. Além dos estimulantes, há também medicamentos não estimulantes, embora seu uso ainda seja menos comum. Esse cenário levanta a necessidade de expandir o uso de tratamentos multimodais, que combinem abordagens farmacológicas com intervenções psicossociais e educacionais, para oferecer um tratamento mais completo e eficaz (López-López et al.,2019)

De acordo com o estudo realizado por López-López et al. (2019), o tratamento farmacológico do TDAH, especialmente com o uso de metilfenidato em suas formas de liberação imediata e sustentada, é amplamente utilizado em crianças e adolescentes. A pesquisa destaca a preferência por medicamentos estimulantes e aponta para a necessidade de expandir o uso de tratamentos multimodais para melhor atender às necessidades dos pacientes. Além disso, o estudo ressalta que os dados de ensaios clínicos nem sempre

refletem a realidade dos pacientes em consultas de rotina. Em um estudo com 82 crianças diagnosticadas, 90,2% receberam tratamento farmacológico, sendo o metilfenidato de liberação imediata prescrito para 46% e o de liberação prolongada para 51,4%. A atomoxetina foi usada em apenas 2,7% dos casos (López-López et al., 2019)

O metilfenidato e a atomoxetina são dois medicamentos eficazes no tratamento do TDAH, embora atuem por mecanismos farmacológicos diferentes. Um estudo comparativo analisou as alterações cerebrais em 50 crianças com TDAH, divididas igualmente entre os tratamentos com metilfenidato e atomoxetina. Após 12 semanas de terapia, a atomoxetina reduziu a ativação no córtex cingulado anterior e no pré-frontal dorsolateral, melhorando a atenção focada. Já o metilfenidato aumentou a atividade no giro frontal inferior, o que resultou em uma diminuição da impulsividade. Ambos os medicamentos mostraram eficácia, mas com impactos diferenciados nas funções executivas. Estudos anteriores também sugerem que o metilfenidato tende a ser mais eficaz em funções como a fluência verbal, enquanto a atomoxetina pode melhorar o planejamento visoespacial. Os mecanismos subjacentes a essas respostas diferenciadas incluem o aumento de dopamina e norepinefrina no córtex pré-frontal, com efeitos distintos em outras regiões cerebrais. Essas diferenças farmacológicas podem explicar a variação na resposta clínica entre os pacientes. A neuroimagem tem se mostrado uma ferramenta promissora para entender melhor esses mecanismos e melhorar o tratamento do TDAH (Chou et al., 2015)

Abordagens alternativas, como o uso de jogos digitais, vêm ganhando destaque. Um exemplo é o RECOGNeyes, que utiliza rastreamento ocular para treinar a atenção visual, oferecendo uma opção lúdica e eficaz. O estudo investigou se o jogo RECOGNeyes, controlado pelo movimento dos olhos, pode ajudar crianças com TDAH a melhorar sua atenção visual. A pesquisa envolveu 28 crianças divididas em dois grupos: um utilizou o rastreador ocular e outro, o mouse. Após três semanas de jogo, o grupo que usou o rastreador ocular apresentou melhorias significativas na impulsividade, tempo de reação e controle do olhar. No grupo que jogou com o mouse, não houve mudanças. Os resultados indicam que o RECOGNeyes pode ser uma alternativa eficaz à medicação no tratamento do TDAH, oferecendo uma abordagem divertida e terapêutica (GARCÍA-BAOS et al., 2019)

CONCLUSÃO

A revisão narrativa demonstrou que, apesar dos avanços significativos nas intervenções para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), há uma necessidade contínua de refinamento e adaptação das abordagens terapêuticas. As intervenções não farmacológicas, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a terapia ocupacional com foco em integração sensorial, têm mostrado eficácia na promoção de habilidades sociais, cognitivas e motoras em crianças com TEA. Contudo, a eficácia pode variar com a idade e o nível de habilidades iniciais, indicando a necessidade de personalização dos tratamentos. Para o TDAH, o tratamento farmacológico, especialmente com metilfenidato e atomoxetina, continua sendo uma opção predominante, mas a combinação com terapias comportamentais e abordagens inovadoras, como jogos digitais, oferece um panorama promissor para melhorar a atenção e reduzir a impulsividade. A análise das evidências sugere que um enfoque multimodal e individualizado pode ser crucial para otimizar os resultados terapêuticos. A pesquisa futura deve focar em estudos de longo prazo e em populações diversas para validar a eficácia das intervenções e adaptar as estratégias às necessidades específicas de cada paciente.

REFERÊNCIAS

- ABELEND, A. J.; RODRÍGUEZ ARMENDARIZ, E. Evidencia científica de integración sensorial como abordaje de terapia ocupacional en autismo. *Medicina (B Aires)*, v. 80, Suppl. 2, p. 41-46, 2020.
- CALLEJA-PÉREZ, B. et al. Trastorno por déficit de atención/hiperactividad. Hábitos de estudio. *Medicina (Buenos Aires)*, v. 79, Suppl 1, p. 57-61, 2019
- Chou, T. L., Chia, S., Shang, C. Y., & Gau, S. S. Differential therapeutic effects of 12-week treatment of atomoxetine and methylphenidate on drug-naïve children with attention deficit/hyperactivity disorder: A counting Stroop functional MRI study. *European Neuropsychopharmacology*, v. 25, n. 12, p. 2300-2310, 2015.
- COELHO, L. et al. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) na criança: aspectos neurobiológicos, diagnóstico e conduta terapêutica. *Acta Médica Portuguesa*, v. 23, n. 4, p. 689-696, jul.-ago. 2010.
- COELHO-MEDEIROS, M. E. et al. Equidad con el niño migrante en la pesquisa temprana de autismo. *Andes Pediatr.*, v. 95, n. 2, p. 213-214, abr. 2024.
- ECKES, T. et al. Comprehensive ABA-based interventions in the treatment of children with autism spectrum disorder - a meta-analysis. *BMC Psychiatry*, v. 23, n. 1, p. 133, 2 mar. 2023.
- GARCÍA-BAOS, A.; D'AMELIO, T.; OLIVEIRA, I.; COLLINS, P.; ECHEVARRIA, C.; ZAPATA, L. P.; LIDDLE, E.; SUPÈR, H. Novel interactive eye-tracking game for training

attention in children with attention-deficit/hyperactivity disorder. *Primary Care Companion CNS Disorders*, v. 21, n. 4, p. 19m02428, 3 jul. 2019.

HERVAS, A.; ROMARÍS, P. Adaptación funcional y trastornos del espectro autista. *Medicina (Buenos Aires)*, v. 79, Suppl 1, p. 10-15, 2019.

LÓPEZ-LÓPEZ, A.; POCH-OLIVÉ, M. L.; LÓPEZ-PISÓN, J.; CARDO-JALÓN, E.; Grupo de Trabajo TDAH de la Sociedad Española de Neuropediatría. Tratamiento del trastorno por déficit de atención con hiperactividad en la práctica clínica habitual. Estudio retrospectivo. *Medicina (B Aires)*, v. 79, Suppl 1, p. 68-71, 2019.

MULAS, F. et al. Modelos de intervención en niños con autismo. *Revista de Neurología*, v. 50, Suppl. 3, p. S77-84, mar. 2010.

PINTO, R. N. et al. Infantile autism: impact of diagnosis and repercussions in family relationships. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, n. 3, p. e61572, 3 out. 2016.